

PELA LENTE DA CRIANÇA, IMAGENS DE LEITURAS DO “MUNDO-RUA”

Regina Frigério ; Jader Janer Moreira Lopes

LSC

07-Cultura, Linguagens e Artes

Era um período de férias, mês de dezembro. Estava tudo muito incerto: a mudança de estado, cidade, trabalho, família, amigos...

Não conhecia muito bem aquelas pessoas e nem o lugar, muito menos suas normas e regras. Mas tudo começou logo nos primeiros dias em que cheguei ali. Mesmo com um olhar de estranhamento ao novo, sabia que havia um ritmo diferente do que eu havia presenciado anteriormente, enquanto visitante na casa de uma tia.

Dentro de casa ouvia-se a gritaria das crianças. Lá fora se via: umas de patins, outras de bicicletas, um tanto com bola e outro soltando ou apenas observando o colega soltar pipa. Não sei ao certo quantas crianças estavam lá, mas posso afirmar que não eram poucas.

Alguns adultos também faziam parte daquela paisagem: sentados em cadeiras sobre a calçada e debaixo de uma árvore buscando sombra, afinal, estava começando o verão, numa cidade onde as médias de temperatura, nessa estação do ano, chegam a 28° C .

Curiosa, busquei informações sobre o que estava acontecendo naquela agitada rua. Foi quando me informaram que, como era domingo, a rua estava fechada. Vale destacar que tudo era muito novo para mim, pois de onde acabara de chegar, isso não acontecia: rua fechada por cones de trânsito ou por cordas (amarradas entre os postes de energia elétrica) para que crianças pudessem brincar à vontade, sem que carros e motos comprometessem a integridade física das mesmas e nem atrapalhassem suas brincadeiras.

Busquei mais informações sobre o fechamento da rua, e logo soube da existência de um documento da prefeitura que autorizava tal situação, e ajudava a minimizar as divergências entre motoristas de outras regiões e a população local.

Outro artefato interessante era a presença de uma mangueira, ou melhor, conforme se fala por aqui, de uma borracha, que ficava pendurada sobre o muro de uma casa, liberando água para a rua. À medida que o calor aumentava, as crianças corriam para debaixo dela e, imitando um chuveiro, banhavam-se, resfriando o corpo e renovando as energias para a próxima brincadeira.

Até então não havia percebido que no chão as marcações de tinta delimitavam um espaço para jogos. Ao entardecer, jovens e adultos amarraram uma rede de Vôlei e aquele espaço, anteriormente dominado por crianças, agora fazia parte da brincadeira de outros grupos de pessoas. A nova organização e ocupação daquele lugar não expulsou as crianças do local: elas reorganizaram o espaço no entorno da “quadra de Vôlei” e a brincadeira continuou.

E eu também estava ali, buscando entender, como nestes dias atuais uma rua, que pertence a segunda maior região metropolitana do país- Rio de Janeiro- poderia ser vivida e sentida integralmente como área de lazer e aprendizagem de crianças.

É assim que, baseando-me no que aborda TUAN, 1983, p.6, ousou afirmar que, aquele espaço geográfico passa a ter outro significado para aqueles que vivem ali, tornando-se lugar.

Penso que as elaborações espaciais e temporais das crianças com e na rua se tornam especialmente fascinantes nestes tempos de informação em massa e de movimentos no espaço-tempo cada vez mais rápidos.

Na rua, até o que parece imóvel transita na paisagem do tempo e dos acontecimentos: o homem-poste, que não sai da calçada, expõe sua sombra em diferentes ângulos, de acordo com o passeio da luz solar ao longo do dia; o pedinte só troca de lado da rua, dependendo do fluxo de pedestres indo ou voltando do trabalho; as lâmpadas se acendem e se apagam...

Na rua, tudo acontece...

A rua é o espaço-tempo intervalar entre casa e escola, entre casa e igreja, entre casa e outra casa, entre o aqui e o ali. Apesar disso, ela é um lugar: de brincadeiras (ainda), de aprendizagens das mostras do comércio, das promessas de lazer, dos ruídos do trabalho, da violência, da liberdade e da prisão-solidão. Ela é uma exposição de “outros”. Ela é um painel de imagens que suscitam perguntas e que frutificam aprendizagens.

Desta forma, a rua transforma-se num “mundo” de informações captadas e resignificadas por crianças que, diariamente e diversificadamente, exploram esse espaço geográfico.

Considerando isso, mesmo que provisoriamente, chamarei de **“mundo-rua”** *os lugares da rua, com suas informações, nos quais a criança é autorizada para transitar sob o olhar, ou não, de um adulto.*

Então, a partir dessas convicções usarei o convite e o desafio de ver esse “mundo-rua” rua pela lente da criança a partir da seguinte questão:

Que leituras de “mundo-rua” aparecem nas fotografias tiradas por crianças?

Apesar de parecer ampla, essa questão tem seu limite espacial definido: a rua Darci Vargas, localizada no Município de São João de Meriti, região metropolitana do Rio de Janeiro, onde nos finais de semanas e feriados a rua é fechada para lazer.

Também essa questão não se inaugura sozinha, nem se esgotará por si mesma. Ela se liga a uma rede de outras questões, que solicitarão ou não de desdobramentos e dentre as quais destaco aquelas sobre os processos de aprendizagem, de espacialidade e de representação na/pela infância; os processos de políticas voltadas para infância; sobre a complexidade do espaço-tempo na formação da cidadania em diferentes tempos e lugares; sobre os acontecimentos sociais e culturais que se concretizam na rua e suas implicações na educação escolar, assim como sobre a rede de saberes e de fazeres do contexto sócio-político-cultural atual, que se traduz na forma de organização da rua, na cidade que se faz, cada vez mais, educativa (sob diferentes concepções).

Pretendo, então, usufruir dos elementos presentes no cotidiano para torná-los instrumentos de aprendizagem, pesquisa e ensino, tornando a rua um espaço educativo, a sua imagem um objeto de estudo e a criança, o sujeito da pesquisa.

Tomo como objetivo geral deste estudo, analisar leituras de “mundo-rua” realizadas por crianças e representadas por fotografias, visando compreender a importância do espaço geográfico na infância e nos modos de ser criança no mundo atual.

Com essa intenção, mesmo que provisoriamente, acreditando ser possível aprimorá-los, os objetivos deste trabalho podem ser assim apresentados:

- a. Entender se e como espaços de vivência de crianças interferem na formação de suas infâncias.
- b. Investigar como crianças utilizam noções de espacialidade e de temporalidade na elaboração de imagens de “mundo-rua”.
- c. Sistematizar aprendizagens sobre a importância do espaço geográfico na formação das infâncias e na educação das crianças em contextos sócio-econômico-culturais atuais.
- d. Verificar influências das políticas relativas ao tratamento das infâncias por meio de imagens de “mundo-rua” elaboradas por crianças.

Embora estes objetivos não alcancem todas as pretensões, recortam interesses mais evidentes e buscam manter a coerência com o propósito e a dimensão do estudo sem fechar as possibilidades de emergência que o campo permite. São pontos de partida para meu olhar sobre essa situação, e não amarras fechadas na vivência do campo.

Palavras chave: Mundo-rua, Criança e Fotografia